



**Temática 2:** Direito à Informação, Acesso à Informação e Inclusão Social

## **Contar e Recontar Histórias** a contação de histórias como instrumento de ação cultural

**Pâmela Bastos Machado**

[pamelabastos@hotmail.com](mailto:pamelabastos@hotmail.com)

Universidade Federal de Minas Gerais

**Adriana Bogliolo Sirihal Duarte**

[bogliolo@eci.ufmg.br](mailto:bogliolo@eci.ufmg.br)

Universidade Federal de Minas Gerais

### **RESUMO**

Apresenta as fundamentações teórica e metodológica, seguidas do relato de experiência de um projeto de contação de histórias implementado em 2010 em duas comunidades atendidas pelo Programa Carro-Biblioteca: Frente de Leitura, da UFMG. A fundamentação metodológica baseia-se no conceito de ação-cultural, em que há um pré-projeto que, ao longo de sua implementação, adequa-se às necessidades e sugestões dos sujeitos participantes. A fundamentação teórica apresenta autores que discorrem sobre a arte de contar histórias. O projeto foi implementado como parte do Programa de Bolsas Pró-Noturno, da UFMG, em que uma bolsista, à época graduanda e hoje graduada em biblioteconomia, empreende ações de pesquisa e extensão como parte de sua formação acadêmica. Como conclusões principais citam-se as contribuições da contação de histórias para o processo de formação de leitores bem como para permitir a reflexão sobre as situações do cotidiano, representadas nos enredos das histórias.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Ação Cultural. Biblioteca Itinerante. Contação de Histórias. Promoção da leitura.

Trabalhos técnico-científicos

## **1 Introdução**

A contação de histórias é apresentada neste trabalho no contexto da ação cultural, de modo a enfatizar seu papel como meio de incentivo à leitura e instrumento motivador à produção intelectual dos próprios leitores do Carro-Biblioteca. Para Milanesi (1997) a ação cultural caracteriza-se pela presença das atividades representadas pelos três verbos: informar, refletir, criar. Coelho Neto (1989) diferencia ação cultural de animação cultural demonstrando que a



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

riqueza da ação cultural está no fato de não propor um projeto pronto, estruturado, com princípio, meio e fim previamente previstos, mas permitir que os atores, sujeitos da ação cultural, construam esse projeto à medida em que ele vai acontecendo.

A partir da reflexão apresentada, é importante ressaltar que este trabalho não é definido como um projeto de animação cultural, mas sim de ações de formação intelectual e cultural nas quais há interação e produção daqueles que ouvem as histórias, sendo eles os “atores principais” e foco do mesmo. Parte-se do pressuposto de que “a história contada através da oralidade permite a interação entre contador e ouvintes, já que o corpo e a voz propiciam vivências comunitárias, perdidas na aceleração da vida moderna”. (TORRES e TETTAMANZY, 2008, p. 1).

## **2 Histórico**

O Carro-Biblioteca é o segundo mais antigo programa de extensão da UFMG, desenvolvido pelo Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação (CENEX/ECI) desde 1973. Atendendo a cinco comunidades semanalmente, o Programa *Carro-Biblioteca* visa democratizar a informação e leitura em comunidades socialmente vulneráveis de Belo Horizonte e região metropolitana, bem como promover ações culturais e educativas.

O presente trabalho teve como público alvo os leitores de duas das comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca, mais especificamente, o público infantil e juvenil dos bairros Frimisa e São Benedito, na cidade de Santa Luzia. O desejo pela formalização deste trabalho nasceu em março de 2009, a partir retomada de uma parceria entre o projeto de extensão *Carro-Biblioteca: Frente de Leitura* da Escola de Ciência da Informação e o projeto de extensão *Mala de Leitura* da Faculdade de Educação da UFMG.

As coordenadoras dos projetos, Profa. Adriana Bogliolo (ECI/UFMG) e Profa. Mônica Dayrell (FAE-UFMG), firmaram a parceria por meio de encontros semanais entre os bolsistas de seus projetos a fim de contarem histórias, trocaram experiências e discutiram sobre os assuntos relevantes na formação dos “pequenos leitores”. Os encontros passaram a acontecer no Centro Pedagógico da UFMG uma vez por semana, onde eram realizadas contações de histórias pela bolsista do Projeto “Mala de Leitura” para os alunos na faixa de 6-7 anos.

A partir desses encontros, foi discutida a possibilidade de realizar contações de histórias nas próprias comunidades atendidas pelo Carro-Biblioteca, não apenas como forma de recreação,



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

mas principalmente para incentivar a leitura e divulgar o acervo do Carro-Biblioteca para o público infantil e juvenil, visto que esta prática surtia efeito significativo nas crianças que ouviam as histórias no Centro Pedagógico. Para isso deveriam ser adotadas práticas específicas para o público atendido pelo Carro-Biblioteca, considerando as diferentes realidades e contextos dos mesmos.

Meireles (1979) afirma que “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. A partir dessa idéia, esperava-se que os leitores, sejam eles crianças ou adolescentes, desfrutassem da contação de histórias não apenas como um mero momento de lazer, mas que a partir dela fosse despertado neles o anseio pela leitura e escrita, de modo que produzam e reproduzam suas próprias histórias. Dessa forma, esperava-se que ao ouvirem histórias os leitores buscassem outras histórias nos livros, e despertassem para a escrita e contação de suas próprias histórias, já que “o gosto de contar é idêntico ao de escrever (...)” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Para Neder *et al.* (2007, p. 1.), as narrativas estimulam a criatividade, a oralidade, além de facilitar o aprendizado e colaborar na formação da personalidade das crianças. Considerando esta reflexão, este projeto teve como motivação a oportunidade de desenvolver nas crianças e adolescentes dessas comunidades carentes de Santa Luzia, o prazer pela leitura e por tudo que se relacione a ela. Acredita-se que as contações de histórias em muito colaboram para o desenvolvimento intelectual, social e pessoal de cada um dos ouvintes, uma vez que lhes propicia a oportunidade de realizar suas próprias leituras de mundo e associá-las criticamente com o que escutam, lêem e absorvem.

Portanto, o objetivo central que levou ao desenvolvimento do projeto aqui descrito, implementado ao longo de um semestre, foi o de despertar nas crianças e adolescentes, através da contação de histórias, um anseio mais profundo pela leitura e uma interação com a mesma, persuadindo-os a buscarem suas próprias leituras e criarem suas histórias. Esses objetivos desmembraram-se nos seguintes objetivos específicos:

- a. Estudar a realidade das crianças e adolescentes das comunidades, a fim de assimilar o contexto destes e as melhores formas de atuação na prática da contação de histórias;
- b. desenvolver a contação de histórias em roda, em espaço aberto, nas próprias comunidades;
- c. apresentar os livros dos quais as histórias são lidas, a fim de que os ouvintes conheçam sua estrutura, autores e se interessem em lê-los futuramente;



- d. permitir que as crianças e adolescentes, ao se identificarem com as histórias de alguns livros, preparem e contem suas próprias histórias;
- e. criar um ambiente de interação coletiva que permita a expressão individual de cada ouvinte a partir das histórias contadas.

### **3 A Arte de Contar Histórias**

A oralidade pode ser vista no contexto social desde os tempos mais antigos, quando o homem descobriu que as histórias contadas geravam inquietações positivas nas pessoas como admiração, espanto, aprovação.

Na transição do estado bárbaro para a vida organizada, o contador de histórias representado pelo pajé, segundo Tahan (1966, p. 17), deixou de ser um mero instrumento de diversão e tornou-se um depositário das tradições da tribo, devendo estas ser transmitidas às novas gerações para fins de conservação. Na Antiguidade, a contação de histórias era um meio de divulgação das doutrinas religiosas budistas. Na Idade Média, os contadores de histórias eram muito respeitados. Para cada época, as histórias e seus contadores tiveram o seu valor peculiar, sendo repassados de geração a geração os feitos, decepções, amores, sonhos, temores e esperanças da humanidade.

Abramovich (2003, p.17) afirma que ler histórias é suscitar o imaginário. É o momento em que o mundo é descoberto com seus inúmeros conflitos e impasses, bem como suas soluções. Ao se tratar do público infante-juvenil, é através das histórias que há uma identificação com os personagens – cada qual correspondendo ao momento que está sendo vivido pela criança ou adolescente – de modo a lidar melhor com suas próprias dificuldades e buscar soluções para cada uma delas.

Segundo Freire (1982), é a partir da leitura de mundo que o ser humano aprende a ler os demais textos. A literatura oral, além de expandir a leitura do mundo, torna-se uma ferramenta eficaz para despertar a curiosidade por outras artes e exercitar a imaginação dos ouvintes. Neste contexto, Vieira (2003, p.8) ressalta:

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias é uma atividade privilegiada na transmissão de conhecimentos e valores humanos. Essa atividade tão simples, mas tão fundamental, pode se tornar uma rotina banal ou representar um momento de excepcional importância na educação das crianças.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

Além disso, as metáforas, também muito presentes nas histórias, permitem uma possibilidade de identificação das crianças e adolescentes com os personagens, promovendo uma interação entre contador e ouvinte, como afirma Gutfreind, apud Belardinelli, 2007, p.18).

(...) a metáfora guarda essa dupla capacidade: por um lado, é capaz de apresentar nossos dramas e conflitos principais. O símbolo é duríssimo e dá vida para nosso material mais arcaico ou sem nome, ou ainda, para nossos medos primordiais. Por outro lado, a metáfora é feita do simbólico e estético, portanto, indireto. E protege a criança em sua viagem de projeção na intriga e nas personagens, garantindo certa tranquilidade nos processos de identificação. Ela diz tudo sem nada ameaçar.

O ato de contar histórias traz em si uma série de fatores que ultrapassam o domínio das técnicas, envolve muito mais o entendimento por parte do contador/leitor das questões psicológicas e terapêuticas presentes no universo dos ouvintes e as influências que as histórias exercem na vida deles. Não bastam apenas as práticas educacionais e técnicas artísticas, mas principalmente à cumplicidade no olhar, empatia e sensibilidade para entender quando os ouvintes expressarem seus anseios, medos, esperanças e desejos com um simples gesto ou jeito de olhar ao ouvirem a história.

## **4 Metodologia**

### ***4.1 Planejamento***

Inicialmente, para o desenvolvimento deste projeto, estudou-se cada comunidade onde o projeto foi implantado. No primeiro momento, realizou-se algumas visitas juntamente com a equipe do Carro-Biblioteca, através das quais se conheceu as pessoas da comunidade e o público a quem o projeto se destinaria. Foram registradas, em um diário pessoal, todas as primeiras impressões e inquietações referentes à comunidade, tratando-se até então, de aspectos subjetivos como reações dos leitores que frequentavam o Carro-Biblioteca, suas preferências de leituras, motivações e contextos onde estão inseridos. Em seguida, pôde-se avaliar o espaço, estrutura local, existência de instituições públicas na comunidade a fim de se estabelecer o melhor local para que as contações fossem realizadas, considerando que este precisava ser próximo ao local onde o Carro-Biblioteca estacionava.

Na segunda fase deste trabalho, uma vez determinado o perfil dos ouvintes em potencial e o local para a realização das contações, passou-se a selecionar e preparar histórias de acordo



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

com três critérios: a faixa etária e interesses dos ouvintes; o fato de serem histórias que sensibilizavam a própria contadora enquanto as lia, pois a identificação com a história faz da contação um momento mais espontâneo e lúdico; e finalmente que fossem histórias que se adequassem à realidade em que vivem as crianças e adolescentes ali presentes.

No projeto inicial, foram planejadas as contações em dois momentos distintos num mesmo dia: o primeiro orientado para crianças na faixa etária de 5-9 anos e o segundo para adolescentes de 10-14 anos. A delimitação inferior e superior destas faixas etárias levou em consideração o fato de que a partir dos 5 anos as crianças, mesmo que ainda não alfabetizadas, já tem maturidade e interesse na contação de histórias. Por outro lado, os adolescentes a partir dos 14 anos iniciam um novo processo na vida escolar, o que requer uma adequação dos autores e enredos de seu interesse às novas vivências e experiências que passam a ter a partir de então, que incluem tanto mudanças físicas quanto intelectuais. Vale enfatizar que em momento algum estas determinações em relação às faixas etárias valeram como regra geral ou instrumentos de limitação de participação nas rodas de contação de histórias, tendo sido realizadas todas as vezes em áreas abertas e públicas. Apenas, tinha-se como foco este público pré-determinado. Entretanto, o planejado não se efetivou e o planejamento se refez no dia a dia junto ao público, como esperado na ação cultural. Ao iniciar as contações, constatou-se que nem sempre aqueles que ouviram histórias na semana anterior tinham interesse em ouvir novas histórias na semana seguinte, e muitos que pareciam não se interessar acompanharam as rodas de contação todas as semanas. Além disso, não foi possível separar os ouvintes por faixas etárias, já que eles permaneciam na roda do início ao fim independentemente da adequação da história às suas idades ou do estilo da história.

No pré-projeto, para cada grupo deveriam ser destinados 50 minutos, tempo em que seria realizada a contação de histórias (aproximadamente 20 minutos), o “bate-papo” (15 minutos) e a contação realizada por eles mesmos (15 minutos). Esta limitação do tempo se devia ao período de duas horas em que o Carro-Biblioteca permanece na comunidade. As contações de histórias e suas atividades deveriam acontecer semanalmente nas comunidades e os grupos por faixa etária seriam intercalados. Enquanto um grupo participaria da roda de contação, o outro teria tempo para se dedicar às leituras que desejasse fazer no Carro-Biblioteca, caso contrário, todo o tempo que os usuários possuem para desfrutar dos serviços oferecidos pelo mesmo seria concentrado na contação, não sendo este o objetivo do projeto. Considerando





**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

que não foram feitas as separações previstas por faixa etária, algumas alterações foram realizadas neste planejamento à medida que o projeto foi sendo realizado.

#### **4.2 Operacionalização**

Devido às peculiaridades de cada comunidade, os processos e estratégias para atrair a atenção do público precisaram ser diferentes.

No caso do bairro São Benedito, durante toda a permanência do Carro-Biblioteca na comunidade, a contadora permanecia ao lado de fora pronta para contar histórias, a fim de gerar curiosidade e interesse no público que o frequentava. As crianças e adolescentes na comunidade não demonstravam tanto interesse nas contações, de modo que o público era escasso e inconstante, majoritariamente formado por crianças de 0 a 7 anos, e as contações eram realizadas sem horário pré-estabelecido, de acordo com o momento que os ouvintes chegavam. Foram muitos os dias em que não foram realizadas contações por que não havia quem as ouvisse. Inicialmente a contadora permanecia dentro do Carro-Biblioteca, conversava com os leitores, indicava leituras, para enfim convidá-los para ouvirem histórias. Notou-se nas primeiras semanas, que o convite não os atraía. Dessa forma, nas semanas seguintes, mudou-se de estratégia: a contadora passou a se sentar ao lado de fora do Carro-Biblioteca colocando livros previamente selecionados ao seu redor, buscando despertar a atenção das crianças e adolescentes. O objetivo era que todos que chegassem ao Carro a vissem e, se interessados ou apenas curiosos, sentassem com ela para ler, ouvir e contar histórias. O número de interessados não aumentou, muitos ainda dependiam de um convite e envolvimento até adquirirem interesse e confiança.

Os bebês e crianças até os quatro anos demonstravam sempre muito interesse e gostavam de realizar suas “leituras” e ouvir histórias, mas nem sempre os pais estavam dispostos a permanecer com eles. Por isso, por diversas vezes, buscou-se contato com os pais, para esclarecer sobre a importância de suas crianças levarem livro, mesmo que ainda não fossem alfabetizadas, pois liam imagens e criavam histórias, processos fundamentais para suas formações como leitoras. Quanto aos adolescentes, eram poucos que participavam da roda de contação e ainda assim, o público foi inconstante na comunidade durante todo o período de realização do projeto. Um adolescente esteve presente quase todas as semanas, e foi uma das motivações para a continuidade deste projeto na comunidade. Com ele, histórias e leituras



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

eram compartilhadas, opiniões eram trocadas, dicas de leituras e aprendizagem mútua foram o que experimentamos.

No bairro Frimisa, a primeira hora do Carro-Biblioteca na comunidade era para que os leitores devolvessem seus livros, escolhessem novos livros e realizassem leituras, tempo para que ficassem à vontade para usufruir dos serviços do Carro-Biblioteca. Num segundo momento, eram destinados 50 minutos para a roda de contação de histórias. Nesta comunidade, houve um maior número de ouvintes e interação dos mesmos com as contações. Em geral, o público foi bem variado, de 0-14 anos, e todos ouviam histórias juntos. Mais uma vez constatou-se a impossibilidade de separar os ouvintes por faixa etária.

O espaço escolhido para as rodas de contações foi a praça da comunidade, muito arejada e espaçosa. Todos se sentiam bem e sentavam sobre a toalha na grama na sexta-feira pela manhã, a fim de contarem histórias uns para os outros. Quando o Carro-Biblioteca chegava à comunidade, eles já estavam aguardando. Entravam, escolhiam os livros da semana e aguardávamos chagarem mais alguns. Os ouvintes eram mais interessados, gostavam muito de ler e sempre tinham algo novo para compartilhar. A cada semana, era contada uma nova história e eles também contavam as suas a partir de suas leituras e experiências. Todos participavam, até mesmo aqueles que não sabiam ler.

Conforme planejado, após as contações de histórias, eram realizados os momentos de participação e interação entre a contadora e os ouvintes. Os livros das histórias eram apresentados, bem como sua estrutura e seu autor e eram dadas novas dicas de leituras. Todos os livros ficavam disponíveis para empréstimo no Carro-Biblioteca. A interação entre todos acontecia por meio de um “bate-papo” com os ouvintes, a fim de que expusessem suas percepções, comparações da vida real com a história, opiniões, discordâncias e estranhamentos. Isso pode ser exemplificado a partir do relato de quando foi apresentado o texto “O Fraseador”, de Manoel de Barros, no bairro Frimisa. A partir dele discutiu-se sobre o que é ser um escritor. Todos compartilharam sobre a importância dos escritores e suas formações como leitores. Aproveitou-se o momento para incentivá-los a escreverem também.

O dia da poesia, atividade do Projeto “Encontros de Leitura”, também vinculado ao Programa Carro-Biblioteca, foi também muito marcante, com direito a música e recitações na praça, um ambiente e clima bem agradáveis. Os próprios ouvintes escreveram e recitaram poesias.

Como proposto no projeto, a cada semana um ouvinte se tornaria contador ou leitor da história com que mais se identificou a partir das leituras realizadas durante a semana ou de





**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

histórias que já conheciam. Contudo, o projeto alcançou resultados além dos esperados. Nas rodas de contação, não apenas um contava e lia histórias, mas todos queriam participar. Dessa forma, toda semana ou ouvintes preparavam histórias ou escolhiam livros para lerem. Aqueles que não sabiam ler criavam histórias a partir das imagens que viam nos livros.

Dentre as Literaturas selecionadas para as rodas de contação estão: histórias de Monteiro Lobato, Sérgio Palmiro Serrano, Ana Maria Machado e João de Barro; contos de fadas e contos populares; textos de Manoel de Barros; fábulas de Esopo e poesias de Henriqueta Lisboa, Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina.

#### ***4.3 Recursos Utilizados e Métodos de Divulgação***

Os recursos utilizados para a contação foram poucos e de acordo com as necessidades propostas pela história do dia. Foram basicamente o próprio livro com suas gravuras, desenhos e toalha para forrar o espaço no chão. Todo o material era disponibilizado pelo Centro de Extensão da Escola de Ciência da Informação da UFMG, ao qual o projeto Carro-Biblioteca se integra.

Além de todos os recursos materiais acima citados, foram de extrema importância os recursos inerentes do próprio contador, dentre eles os gestos, as vozes e expressões que cativam e atraem a atenção de seus ouvintes.

A divulgação do projeto foi simples, visto que foi direcionado para um público já bem delimitado. Os horários e datas em que aconteceriam as contações, bem como as histórias a serem contadas, foram publicados no “Boletim Bairro a Bairro”, sendo este o boletim informativo de comunicação direta e interação entre os projetos do Carro-Biblioteca e seus leitores.

#### **5 Conclusão**

As histórias contadas apresentam enredos que pouco se distanciam daqueles que as escutam, sejam crianças, adolescentes e até mesmo adultos. Realidades duras que já são enfrentadas ou ainda serão, por fazerem parte do cotidiano, podem ser vistas em temas como abandono, medo, rivalidade fraterna, morte, engano e amor.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
*Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011*

A aplicação do projeto em comunidades distintas foi de fundamental importância para entender os processos de formação de leitores nos diferentes contextos, as influências da leitura sobre os leitores conforme seus espaços de convivências. Os membros de cada comunidade são passíveis de mudanças e podem ser incentivados, entretanto, cada grupo apresenta seus níveis de motivação diferentes e as estratégias para atraí-los também precisam ser diferentes.

Considera-se que o projeto alcançou o objetivo proposto e uma das experiências que comprova este fato aconteceu no Bairro Frimisa., onde um dos ouvintes começou a escrever seu próprio livro. Segundo ele, era um livro de poesias e fábulas, que foram lidas para todos no último dia do projeto na comunidade.

A partir das reflexões realizadas no decorrer deste projeto, observa-se que a importância da contação de histórias ultrapassa a diversão e o encantamento, trazendo consigo valores sociais e demais instrumentos de formação para a vida das pessoas em geral, principalmente, para as crianças, a quem carinhosamente chamamos de “pequenos leitores”. São elas que trazem vida às “histórias de mentirinha”, ao se identificarem com os personagens e situações. As histórias não as movem, mas são movidas por elas.

Apesar de as crianças e adolescentes terem sido o público alvo deste trabalho, a contação de histórias não se restringe a eles, pois movimenta as diversas camadas sociais e grupos étnicos, independentemente da cor, raça, sexo ou idade.

Ouvir histórias, olhar figuras, imaginar sem restrições, sonhar e permitir que os sentimentos nasçam e gerem esperança... coisas de crianças? Coisas de histórias? Não! São coisas da vida!

## **Tell and retell stories** the storytelling as a means of cultural action

**ABSTRACT:** Presents theoretical and methodological foundations followed by an experience report of a Storytelling project implemented in 2010 in two communities served by the Mobile Library Extension UFMG Program. The methodological foundation is based on the concept of cultural action in which there is a pre-project throughout which implementation the needs and suggestions of the participating subject are incorporated. The theoretical framework presents authors who write about the art of storytelling. The project was implemented as part of the Fellowship UFMG Program “Pró-Noturno” in which a graduation student at the time and now graduate degree in librarianship, undertakes research actions and extension activities as part of her academic training. As main conclusions it can be mentioned the contributions of storytelling to the formation process of readers and to reflections on everyday situations, represented in the contexts of the stories.



**XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia,  
Documentação e Ciência da Informação**  
Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social  
Maceió, Alagoas, 07 a 10 de Agosto de 2011

**KEYWORDS:** Cultural Action. Mobile library. Story telling. Reading Promotion.

### Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995. 174p.

ALVES, Rubem; IANNI, André. **A operação de Lili**. São Paulo: Paulus, 1999. (Estórias para pequenos e grandes)

BELARDINELLI, Cláudia. **Educação Infantil e Contação de Histórias: memórias e práticas**. São Leopoldo, 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007. Orientação: Beatriz T. Daudt Fischer.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de (Org.) ; Rosa Helena Mendonça (Org.) . **Práticas de leitura e escrita**. 1ª. ed. Brasília: Bárbara Bela Editora Gráfica e Papelaria Ltda, 2006. v. 01. 180 p.

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982. 96p. (Polemicas do nosso tempo ; 4)

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. São Paulo: Summus, 1979 *apud* TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, vol. 4, N. 01, jan/jun 2008.

MILANESI, Luis. **A casa da Invenção: biblioteca centro de cultura**. 3. ed. rev. ampl. Sao Caetano do Sul: Atelie Editorial, 1997. 271p

NEDER, Divina Lúcia *et al.* Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. **Pedagogia em Ação**, v.1, n.1, p. 1-141, jan./jun. 2009. Semestral.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966. 222 p.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, vol. 4, n. 01, jan./jun. 2008.

VIEIRA, Isabel Maria de Carvalho. O papel dos contos de fadas na formação do imaginário infantil. **Revista Criança**. São Paulo, Ed. Caleidoscópio, 2003. Disponível em: [http://euniverso.com.br/Psyche/Psicologia/desenvolvimento/O\\_papel\\_dos\\_contos\\_de\\_fada.htm](http://euniverso.com.br/Psyche/Psicologia/desenvolvimento/O_papel_dos_contos_de_fada.htm). Acesso em: 4 dez. 2009.